

As mascaras com que a educação e a experiência encobrem as paixões, tiram-se ali. A ambição, que só attende á realisação dos seus sonhos dourados, está patente a quem a quer examinar. O valor e a covardia, a generosidade e a avareza, a cobiça e a prodigalidade, a alegria da victoria e o abatimento da derrota, o orgulho e a baixeza, o vicio e até o crime vão apparecendo na face do jogador, como os espectros dos finados reis da Escossia na representação do *Machbet*.

Ali ha associações como no commercio; interesses que se protegem ou se combatem mutuamente, como na existencia ordinaria; calculos de probabilidades, como nos negocios importantes do mundo; triumphos a que não faltam penegyristas e cortejões; desgraças a que sobejam desdens e desprezos; attenções delicadas e grosserias insupportaveis; emfim, tudo quanto se encontra mais disfarçada e mais perigosamente na carreira da vida.

No jogador hespanhol estas circumstancias requintam. O character e temperamento dos peninsulares é franco e positivo no bem e no mal. A mesa de jogo em Hespanha é, pois, mais instructiva do que em qualquer outra nação. O hespanhol perde com sangue frio, e ganha com prazer, porém sente vivamente as emoções do jogo, e não procura encobrir a agitação e anciedade que o dominam.

O spectaculo do *trinta e quarenta* no *Casino* de Madrid é digno da attenção dos viajantes. Ainda

com risco de se deixar tentar e de perder alguns centos de reales, vale a pena ir ali tomar lições practicas de *physiologia moral*.

Quando chegámos ao *Casino*, D. Telmo pediu-me e ao conde de S. Marino que o acompanhassemos ao gabinete das revistas, onde á meia noite se não encontra quasi pessoa alguma. Com effeito, não havia ali viva alma, e D. Telmo pôde contar-nos o que passára com os dois desconhecidos.

Eram os padrinhos do barão que lhe tinham vindo pedir satisfação do insulto feito por D. Telmo na *Fuente Castellana*. D. Telmo respondera que nem aceitava nem recusava, porque taes negocios eram sempre resolvidos pelos padrinhos, e que ia escolher os seus, que ainda nessa noite se encontrariam com os do barão no *Casino*.

Os padrinhos do barão eram pessoas de consideração. Um era tio materno do joven banqueiro, e tinha servido com distincção na guerra de D. Carlos, cujo partidario fôra. O outro, mancebo da idade do barão e seu antigo companheiro de collegio, pertencia a uma familia respeitavel de Valencia, e residia em Madrid, onde todos o estimavam. D. Telmo fôra, pois, obrigado a usar para com elles da maior cortezia, comquanto fosse intenção sua recusar ao barão a honra de um combate pessoal.

Agora restava-lhe escolher padrinhos, ou, para melhor dizer, convidar o segundo, pois que o parentesco e amizade do conde de S. Marino davam

a este joven cavalheiro o direito de tomar o primeiro lugar. D. Telmo teve a delicadeza de me convidar. Respondi-lhe que a minha qualidade de estrangeiro, e a parte que tomára na questão do casamento de Relta, me impunham o dever de não acceder ao convite, e estas rasões foram bem acolhidas pelo senhorito de Lovera.

Offereci, todavia, o meu voto, em caso de duvida entre os padrinhos, se os quatro concordassem em aceitar a minha intervenção.

O conde de S. Marino lembrou o coronel D. José de Aldára, que pertencera á marinha hespanhola, e servira na mesma fragata de ensino com D. Telmo. Como o coronel estava no *Casino*, S. Marino foi chamal-o. Veio logo ter connosco, e acceptou a proposta de muito bom grado, depois de ouvir com a maior attenção a historia completa das gentilezas do barão junto da senhorita de Relta e de M.^{me} de Landstein.

Aldára observou com rasão que n'este negocio havia dois casos differentes: o de D. Telmo com o barão, o qual era inteiramente do domínio dos padrinhos, e o que dizia respeito á senhorita de Relta, que os padrinhos do barão podiam não querer discutir com quem não estivesse autorizado para esse fim por D. Julio, ou por algum parente da condessa.

A observação era justa, e merecia discutir-se, porém D. Julio, que n'esse momento chegava de

acompanhar as de Relta, e andava proçurando o irmão, entrou no gabinete onde estavamos reunidos, e cortou todas as difficuldades, dizendo a S. Marino e a Aldára que, se D. Telmo tivesse de bater-se com o barão, os encarregava de exigir em seu nome, como noivo da senhorita de Relta, uma satisfação egual á que o sr. de Nassot exigia de seu irmão. Assim, os padrinhos de D. Telmo ficavam completos poderes para tratarem dos dois negocios no sentido em que os de Lovera desejavam que elles fossem dirigidos.

D. Telmo e D. Julio não queriam conceder ao barão a honra de um duello que o ennobrecesse e lhe expiasse as culpas. O seu desejo era deixal-o sob o peso da responsabilidade dos actos que praticára, e dar-lhe uma severa lição moral, que em si propria e nas suas consequencias proximas e remotas fosse mais pungente do que um combate dos que o mundo está acostumado a classificar mais como distincção do que como castigo.

Mas este desejo dos dois Loveras não foi apresentado como condição aos padrinhos, nem elles accetariam o encargo com restricções. Foi uma opinião exposta a dois amigos, para que lhe dessem o valor que ella merecesse. Os padrinhos de um duello são os juizes da honra do seu protegido. Este expõe o caso, retira-se, aguarda a decisão, e obedece. Os preliminares de um desafio são um processo summario de honra, em que as partes não devem inter-

vir, e em que os juizes gosam de liberdade plena, como lhes cabe responsabilidade completa. Quem mata, diz um autor entendido na materia, não são as espadas, nem as pistolas, são os padrinhos.

S. Marino e Aldára foram procurar os padrinhos do barão. Encontraram logo o mais moço, porém o tio do banqueirito estava sentado á mesa do *Trinta e Quarenta*. A gravidade do caso, e a qualidade das pessoas que figuravam nelle, prevaleceram sobre a paixão do jogo, e obrigaram o homem a abandonar, não sem repugnancia visivel, o campo verde da jogatina para tratar com os padrinhos de D. Telmo de outro campo e de outro combate, não menos perigosos.

Reunidos os quatro, procuraram onde conferenciassem livres de ouvidos curiosos, porém os gabinetes de leitura já estavam fechados, por passar de duas horas; na primeira salla estavam ainda varios mancebos elegantes discutindo a voz do Fraschini e a ausencia della na Sarolta; na segunda gritavam politica varios deputados e homens influentes; nas sallas de jogo de vaza havia muitas mesas em exercicio; no bilhar era numerosa a concorrência.

O tio do barão, cujos olhos se volviam com saudade para o lado do *Trinta e Quarenta*, aproveitou o ensejo, e adiou o negocio para a manhã do dia seguinte. Os padrinhos de D. Telmo, que não tinham a iniciativa, concordaram na proposta, e combinaram todos reunirem-se em minha casa ás onze da ma-

nhã, porque era melhor conferenciar em uma hospedaria do que causar suspeitas á familia daquelle em casa de quem se juntassem.

O antigo official carlista voltou logo á batalha de *Trinta e Quarenta*; e os outros vieram dar-me parte da proxima reunião no meu aposento.

Agora, emquanto o tio do sr. Nassot aggride a banca do *Casino*, e os outros recolhem a suas casas, é justo dizer ao leitor algumas particularidades desta veridica historia, que não poderam ter cabimento no seu respectivo logar.

No dia seguinte áquelle em que eu me apresentára em casa da Peralta, foi o procurador dos Loveras fallar com o barão de Nassot. Levava o dinheiro para des-empenhar as joias, e o recibo passado pelo banqueiro á Peralta. O leitor, de certo, se lembra de que o procurador não era de Madrid, e que o barão o não conhecia. Se já esqueceu este ponto, eu tenho a honra de lhe pedir que se recorde agora d'elle.

O homem apresentou-se, dizendo que era de Barcelona, e, como dali vinham diferentes pessoas a cada instante procurar o barão, foi admittido sem difficuldade.

— O sr. barão não me conhece, disse o procurador, avistando o sr. de Nassot. Eu sou de Barcelona, porém vivo ha muitos annos em Madrid.

— De certo que me não parece tel-o visto, porém isso nada vale, se eu posso ter occasião de ser util a um compatriota.

— O sr. barão é como o senhor seu pae. Apesar de andar sempre ausente da Catalunha, viveu e morreu com os sentimentos de um verdadeiro catalão...

— Mas em que posso eu ser-lhe agradável? interrompeu o barão, em quem começava a despontar a suspeita de que não fosse barcellonaez quem com tão puro accento fallava o castelhano.

— Eu sou procurador da sr.^a Peralta, e venho trazer-lhe o dinheiro das joias, e recebê-las.

O barão ficou desapontado. Julgára que nem o duque de Roseta nem a Peralta podiam desempenhar as joias, e esta crença animava-o na sustentação da intriga que urdira.

Não apparecendo senão as joias dadas por Julio á senhorita de Relta, e reconhecendo-as o Daumont como feitas por elle para a Peralta, não era facil provar que fossem diferentes. A asseveração do Gradino seria tratada de calumniosa, e filha da rivalidade conhecida entre elle e o Daumont. Emquanto as joias estivessem na mão do barão, D. Julio não poderia justificar-se.

O sr. de Nassot não tinha inventado a polvora, mas possuia em gráo mui subido o instincto da maldade, que, em certas organizações, como que substitue a intelligencia, e procede com egual habilidade e acerto. Elle sabia que, para fazer acreditar uma calumnia basta que assente sobre um facto verdadeiro, embora de pequena monta. O mundo é pre-

guicoso, e aceita com facilidade as historias que teem visos de verdade, quanto mais as que teem algum ponto incontestavel.

Ora, nesta, o ponto incontestavel era a existencia de um unico collar, visto que a Peralta não podia apresentar o seu. O barão via, pois, arruinado pela base o edificio que tanto lhe custára a construir, e estava resolvido a não entregar as joias sem combate, e encarniçado.

—A sr.^a Peralta, respondeu o barão, de certo lhe disse que as joias não estão em meu poder. Queira dizer-lhe que eu as vou buscar, e que logo, ou amanhã, terei o gosto de l'has entregar pessoalmente. É possivel que o meu amigo, a quem as dei em penhor, não esteja em Madrid. É um homem que muitas vezes vae passar algumas semanas a Sevilha, donde é natural.

—Máo é isso, Sr. barão! volveu com humildade fradesca o bom do procurador. Muito máo! Valha-me Deus!

—Bem vê que não é culpa minha. Eu não tinha o dinheiro.

—Cousas da breca; sr. barão! Mas para que deu o recibo em seu nome? Bem vê que este papel o compromette.

—A mim? Em que?

—Os rapazes não fazem senão impudencias. O sr. seu pae, que Deus tenha em gloria, não cahia em tal. Não sabe o sr. barão que um penhor é um

deposito, e que dispôr d'elle fóra das condições do contracto, e um abuso de confiança?

—Oh homem! eu não quero ficar com as joias. Deixe-me vêr se o meu amigo está em Madrid, e em breve as irei levar á sr.^a Peralta. Entretanto, ella conserva o dinheiro como garantia, e eu ainda valho o excesso do valor.

—Essa é boa, sr. barão, tornou o procurador, sempre no mesmo tom seraphico. A sua palavra é ouro. Mas eu tenho ordem de não sahir daqui sem as joias. Caprichos de mulheres! Então que quer? Triste cousa é ter de ganhar a sua vida a servir os outros!

—Pois olhe, hoje não as leva, porque eu não as tenho em casa.

—Mas, sr. barão, veja se as manda buscar a casa do seu amigo de Sevilha. Talvez não seja longe daqui. A sr.^a Peralta, e o duque ambos me deram ordens terminantes a este respeito.

—Essa insistencia é, na verdade, singular, e até offensiva. Cuida que eu sou capaz de...

—Pelo amor de Deus, sr. barão. Eu, que conheci o sr. seu pae, que Deus haja, bem sei com quem lido, mas eu sou mandado. E depois, o sr. barão é tão imprudente!...

—Imprudente! Em que?

—Pois não escreveu á sr.^a Peralta dizendo-lhe que lhe proporia um contracto para lhe comprar as joias? Isso é que a fez desconfiar, e como ella as teem em grande apreço...

—É verdade que escrevi, mas foi, respondeu o barão com visível embaraço, porque o meu amigo de Sevilha as queria comprar, e dava por ellas preço muito superior ao que na realidade valem. Mania de homem rico! Olhe que me autorizou a offerecer oito mil duros!! Eu, por amizade á sr.^a Peralta, é que lhe tencionava fazer a proposta da venda.

—Pois veja o sr. barão como é o mundo. A sr.^a Peralta conversou tudo isso com o duque, e assentaram que era possível que o sr. barão tivesse já disposto das joias. Esta supposição foi a peor que podiam fazer, porque me deram ordem de ir queixar-me á auctoridade, apresentando o seu recibo e a sua carta ultima, da confrontação dos quaes papeis resulta que o sr. barão recebeu as joias em penhor, que já as não tem, e que propõe a esse respeito um contracto de indemnisação. O abuso de confiança está provado.

—Isso é uma infamia! exclamou o barão, levantando-se desesperado. É o que se lucra em fazer favores a gente desta!

—Tanto não disse eu á senhora, mas sempre lhe observei que o sr. barão a tinha obzequiado, arranjando-lhe o dinheiro, e que era ingratição intentar por essa causa um processo deshonoroso. Sabe o que me respondeu o duque? Nem eu lh'o quero dizer.

—Diga, diga. Eu espero tudo dessa canalha.

—Pois já que o determina assim, direi que o duque me replicou que emprestimo sobre penhor e

com juro era favor do Monte de Piedade, e que des-honroso é dispôr cada um do que lhe não pertence.

—Tratantes! insolentes! ingratos!

—O mundo é assim, sr. barão. Por bem fazer mal haver. Emfim, eu o que sinto é ter de recorrer á justiça. Pela memoria do seu honrado pae, que Deus tenha em bom logar, livre-me desta terrivel conjunctura.

—Mas se o homem não está em Madrid?

—Bem sabe, sr. barão, continuou o procurador, sem dar pela objecção da ausencia do supposto sevilhano, que o juiz criminal não é seu amigo, e que é um intimo do duque de Roseta. Não dê gosto aos seus inimigos. Faça por entregar as joias hoje.

O barão não sabia adoptar uma resolução. A intriga de Relta exigia que elle conservasse as joias, mas o processo com que o ameaçavam, provando a existencia dos dous collares, destruia do mesmo modo a calumnia com que elle impedira o casamento de D. Julio, e deshonorava-o. Nesta perplexidade, a colera, o despeito, a ambição, a perfidia natural, e o medo não menos innato no seu animo, assaltavam-o de todos os lados. O procurador insistia sempre em termos submissos, recordando a veneravel memoria do defunto Nassot, e lamentando, ter de dirigir-se á justiça.

O barão não pôde resistir mais tempo. Fingia escrever ao sevilhano, e meia hora depois recebeu o dinheiro, e entregou as joias, que um criado veio

fazer com recado estudado, como se as tivesse ido buscar fóra de casa. O procurador restituiu o recibo do barão, e despediu-se no mesmo tom carinhoso e reverente com que dirigira a conversação, a que o leitor esteve assistindo.

Mal o honrado procurador tinha voltado costas, o barão pegou na penna, e escreveu á senhorita de Relta a seguinte carta:

«Minha senhora.

«A familia de Eovera, que não poupa diligencias nem despesas para se apossar da fortuna de Relta e de Lialva, mandou fazer outras joias iguaes ás que D. Julio lhe deu. São destinadas á Peralta, que no fim de tudo, as aceitará como restituição, muito contente de reaver o que perdêra em um momento de colera.

«Previno-a deste manejo para que se não deixe illudir. Afflige-me vê-la em riscos de ser victima da ambição e da avareza, e hei de fazer tudo quanto estiver ao meu alcance para salvá-la. De viva voz lhe explicarei esta manobra indigna.

«Sei que faz justiça á candura e sinceridade dos meus sentimentos, que serão sempre de amigo leal e de criado dedicadissimo.

«Barão de Nassot.»

Escripta esta carta, em que a maldade se mostrou mais arteira do que podia esperar-se da parva

agudeza do barão, tocou a campainha, e ordenou a um criado que a levasse immediatamente ao palacio de Relta.

— Diga ao porteiro, accrescentou o barão, que eu não estou em casa para pessoa alguma.

O barão desejava estar só. Precisava reflectir nos acontecimentos destes ultimos dias, e preparar-se para a nova direcção que dera á intriga do casamento. Ao cabo de longa meditação inutil, resolveu ir passear á *Fuente Castellana*, onde lhe succedeu a triste aventura que o leitor conhece, e de cujas consequencias me cumpre dar-lhe noticia especificada.

Pobre barão! De que te serve o titulo, a riqueza, o ar impertigado, a côr rosada e a elegancia que procuras affectar? Até um reles procurador de causas te leva de vencida! Já Deus te não fez para conde de Relta nem para duque de Lialva! Ficarás barão toda a tua vida! Bem sei que é menos do que não o ser! Tem paciencia. Cada um soffre o castigo que merece. O teu é ser barão, e não é pequeno castigo!

XXV

Em que o leitor verá como a condessinhã de Relta apesar das superstições da creada abriu a carta do barão de Nassot, e lhe respondeu muito ás vellas do que elle esperava.

Madrid, 15 de abril.

A carta do barãosito foi entregue ao guarda portão do palacio de Relta, e das mãos d'elle passou logo para as da camareira da senhorita, com musicas, jornaes e livros que nesse dia tinham vindo para ella. Ou porque a carta se metteu entre os papeis, ou porque Margarida, preocupada com a proposta do casamento com o duque de Pembrana, não teve tempo de examinar o que a criada recebera do guarda-portão, só na volta do theatro é que soube que desde antes do jantar havia ali uma carta para ella.

—Uma carta? disse a senhorita à camareira. De quem é? sabes?

—Não sei, minha senhora. O guarda-portão mandou-a para cima com as musicas. Ella aqui está, concluiu a criada pondo a carta nas mãos da senhorita.

—É singular! replicou Margarida, olhando para o sobrescripto. Parece-me conhecer esta letra, e não me póde lembrar de quem é.

—Que não seja má noticia, é o principal. Quanto a saber de quem é, em a abrindo...

—Logo o sei, não é verdade? Que novidade! E se eu a não quizer abrir hoje? Dizem que não é bom abrir cartas ao deitar na cama, volveu Margarida sentando-se defronte do espelho de vestir para que a camareira a destoucasse.

—Não o diga por brincadeira, minha querida senhora. Olhe que é verdade. Cinco annos servi eu em casa da sr.^a marquesa de Tonalta, e nunca lhe vi abrir carta nem ao deitar-se, nem ao sentar-se á mesa. Uma unica vez despresou esta precaução por curiosidade de saber de quem era uma carta de letra desconhecida.

—E depois?

—Depois, minha senhora? Era do commandante do navio de guerra em que servia o filho da sr.^a marquesa. Vinha da Havana, e trazia a noticia da morte do mancebo, que succumbira a um ataque de vomito negro. Desde então para cá, fiquei acreditando em agouros.

—Valha-te Deus! O caso é que eu estou com a

carta na mão sem a abrir, como se acreditasse nas superstições da tua marquezia velha! Vamos vêr de quem é.

—Faça o que quizer, senhorita. Eu cá deixava isso para amanhã pela manhã.

A senhorita sorriu de novo por causa da credulidade da camareira, e abriu a carta. Desde o principio até o fim, da leitura mudou de côr duas ou tres vezes, e ficou absorvida em profunda meditação, como se o texto daquella missiva fosse de grave importancia.

A criada espreitava com medrosa anciedade as mudanças do semblante de Margarida, e vendo-a tão pensativa depois da leitura, exclamou:

—Ora ahi está a senhorita cheia de tristeza por causa dessa carta. Bem dizia a sr.^a marquezia, e bem lhe pedia eu que a não lesse esta noite.

—Qual triste, nem meia triste, replicou Margarida, levantando-se e caminhando para a pequena mesa em que costumava escrever. Tu és uma tonta! Nunca as minhas tristezas sejam maiores! Não sabes que me caso dentro de poucos dias?

—Com o sr. D. Julio?

—Esse mesmo!

—Oh! minha querida senhorita! Que boa noticia que me dá! Eu andava com um susto!

—Susto de que? Tinhas medo que me mettesse freira?

—Isso não, mas receiava que casasse com ou-

tro, e que escolhesse mal. Eu sou tão sua amiga!

—Tu és boa rapariga, e por isso tanto eu como minha mãe te estimamos muito, respondeu Margarida sentando-se para escrever. Agora vou responder a esta carta, e tu has-de ainda hoje entregar a resposta ao guarda-portão para que a mande de manhã cedo ao seu destino.

A senhorita pegou na penna e escreveu rapidamente as seguintes linhas :

«Margarida de Relta faz os seus cumprimentos ao sr. barão de Nassot, mas a noiva de D. Julio de Lovera não pôde, sem faltar a si propria, responder ácerca do assumpto de que trata a carta que lhe dirigiu, mórmente sabendo com certeza que o sr. barão aprecia erradamente as acções da familia de Lovera.»

Esta resposta fôra dictada pela delicadeza de sentimentos da senhorita. O zelo indiscreto, e visivelmente interesseiro do barão, de muito que lhe aborrecia. Sem as intrigas do sr. de Nassot, o amor que ella realmente tinha a D. Julio, não teria soffrido quebra, nem alteração. Este era o grande crime do banqueiro. Raras vezes perdoamos a quem destróe a nossa ventura, ainda que seja dizendo-nos a verdade.

A verdade é boa, mas quão dura ás vezes! Que importa que andemos illudidos, se a illusão nos traz

felizes e contentes? Quantos, depois de saberem tristes verdades, se recordam com saudade dos tempos em que viviam em *um engano de alma lèdo e cègo*, que era fonte inexaurivel de felicidade!

Valem mil duras verdades.

Uma agradavel mentira!

Oh! quanto a loucura é sabia!

Oh! quanto a razão delira!

escreveu algures o nosso A. F. de Castilho. O conhecimento do coração humano dictou esses quatro versos ao immortal interprete de Ovidio!

Nem elle escreveu na sua vida maior verdade, nem mais applicavel ás relações sociaes entre os descendentes do nosso pae Adão e as descendentes da nossa mãe Eva, como dizia o sr. Almeida Garret na carta em que me mandou as *Pegas de Cintra*, a qual corre impressa na collecção das suas obras. Mentir, nunca. Dizer verdades, nem sempre. Calar-se, a miudo. Esta é a trilogia da tranquillidade social.

A meditação de Margarida não versára sobre a verdade do que lhe annunciava a carta do barão. A resolução que tomára no theatro era definitiva. Confiava em D. Julio, e cerrava o coração a qualquer tentativa de suspeita. Mas queria responder em termos dignos della, e do seu noivo, a quem devia larga reparação:

Lembrou-lhe entregar a carta á mãe para que a

deolvesse ao barão, mas não quiz instruir a condessa ácerca de intrigas que ella ignorava, e que a teriam mortificado muito, se as chegasse a saber. Dar a carta a D. Julio, seria forçal-o a um escandalo com o barão. O amor e a nobreza de sentimentos combatiam esse pensamento, embora M.^{mo} de Landstein o tivesse adoptado para com D. Telmo. Margarida sabia que a elegante allemã procedera assim para complicar a situação do sr. de Nassot, e para contribuir para o casamento de D. Julio. Em causa propria não o teria feito.

Responder cathegoricamente ao barão, e occultar para bem de todos esta intriga, era o proceder mais nobre, e Margarida conciliava assim o amor com a dignidade propria, cousa muitas vezes difficil, porém sempre indispensavel para que cada um possa viver em paz com a sua consciencia.

Ora se em alguma occasião mais do que em outra se deve apreciar a rara felicidade de estar bem comsigo proprio, é na hora em que finalisada a lide diurna, cada um de nós procura, no somno, descanso do passado, e força para o futuro. O mais desalmado entre os homens não póde esquivar-se a lançar então um vago olhar retrospectivo para as obras desse dia. Feliz daquelle cujas palpebras logram cerrar-se em paz sem o calafrio do remorso, ou sem vergonha de algum mau feito.

A tranquillidade do somno prepara a do sepulchro. Dormir é o ensaio para morrer.

XXIV

De como os proprios padrinhos do barão acharam que D. Telmo tinha razão em não lhe aceitar o cartel — Desapparece da scena o senhorito de Nassot.

Madrid 13 de abril de 1861.

Os quatro padrinhos do duello do barão com D. Telmo reuniram-se, com effeito, em minha casa à hora marcada. Dei-lhes a salla contigua ao meu quarto de cama para que elles conferenciassem, e quiz retirar-me, porém o tio do barão pediu-me que ficasse, e os outros tres padrinhos foram do mesmo parecer. Tomei logar junto da mesa, em torno da qual elles se tinham collocado, e preparei-me para assistir á discussão sem tomar parte nella.

— Nós já sabemos todos, começou o tio do barão, o triste motivo que nos reúne aquí. Eu fui militar, bati-me varias vezes, assisti a muitos combates de amigos e camaradas meus, porém, confesso-lhes que não tenho predileccão pelo duello. Sei que é neces-

sario; e que não se descobriu ainda o modo de substituir convenientemente, sem provocar a renovação das antigas vinganças directas, mas triste necessidade é!

Os outros padrinhos deram com um movimento de cabeça signal de que approvavam esta opinião. O official carlista continuou:

— Nós não somos aggressores, nem aggredidos. Somos padrinhos, cada um de nós está encarregado de zelar a honra alheia, sem rancor, nem intenção cruel. O sangue que se derramar inutil ou injustamente clamará vingança contra nós. O nosso primeiro daver e o mais nobre é, pois, evitar o duello, sem desar para qualquer dos contendores. O segundo é regular o combate, no caso em que seja impossivel evital-o.

— Seguramente. responderam os tres padrinhos.

— Fólgo de ver que pensam como eu. Nós os hespanhóes, somos inclinados a exagerar o pondonor, e não ficamos com isso mais cavalheiros do que os outros. Nestes negocios nem Quixote, nem Sancho. Assim, busquemos todos, como amigos e como juizes, o meio de conciliar os dois contendores, se é possivel. A offensa que meu sobrinho recebeu foi grave. Não será possivel que o sr. D. Telmo, reconhecendo que a côrte do barão a M.^{me} de Landsteir não era offensiva para um noivo, ainda não declarado, queira retirar as expressões que disse a meu sobrinho? D. Telmo é um bravo official, e estes são

os que podem ser generosos, sem receio de que os suspeitem de timoratos.

— As nossas idéas ácerca dos desafios, respondeu o conde de S. Marino, são eguaes ás de D. Francisco (era o nome do tio do barão), porém não estamos autorizados a retirar as expressões de que se deu por offendido o sr. de Nassot.

— Vamos, volveu D. Francisco. Não estão autorizados por D. Telmo. Compreendo isso muito bem, mas nós todos quatro estamos autorizados pelo código do duello a resolver este negocio como nos parecer. O que decidirmos aqui é lei para os dois adversarios. Eu conheço e respeito D. Telmo, e sei que ha-de cumprir o que nós assentarmos, ainda que seja contra o seu parecer.

— Nós não podemos ir contra as instrucções que recebemos, replicou o coronel de Aldára; e affirmou o conde de S. Marino com um aceno de cabeça.

— Podem, porque nós podemos tudo. Os contendores é que não teem direito a impôr-nos condições. O código do duello, escripto pelo conde de Chatauvillard, e que eu tenho aqui, diz no § 3.º do capitulo 4.º «que os padrinhos devem decidir ácerca da necessidade ou inutilidade do combate.»

— Pela nossa parte, interrompeu o conde de S. Marino, não julgamos necessario o duello. Nós não o propuzemos.

— Bem sei, respondeu D. Francisco, mas deram

ocasião a que se julgasse indispensavel. Porém voltamos ao ponto. Não será justo que D. Telmo retire o insulto que fez a meu sobrinho?

—Essa é questão differente, replicou S. Marino, e difficil de resolver. Eu e o coronel somos da opinião de D. Telmo. Nós queremos manter a offensa, porque o motivo que a provocou assim o exige.

—O motivo é a côrte feita por meu sobrinho a M.^{me} de Landstein, e uma carta que elle lhe escreveu, estando D. Telmo ausente. Ora, realmente, não é causa de duello; quer dizer, que não parece que o seja.

—Vejo que o sr. D. Francisco,olveu S. Marino, não está instruido ácerca das verdadeiras causas deste negocio, e apesar de que me custa dizer-lh'as, é minha obrigação fazel-o, e peço-lhe que me desculpe.

Então o conde de S. Marino contou toda a historia das intrigas do barão para impedir o casamento de D. Julio, e como este negócio se ligava com a côrte feita á condessa de Landstein. D. Francisco, que era um homem honrado, e o outro padrinho, mancebo sisudo e de nobres pensamentos, olhavam um para o outro durante a narração feita pelo conde de S. Marino, abaixavam os olhos, e davam manifestos signaes de vergonha e de espanto.

—E abi está, concluiu o conde de S. Marino, porque D. Telmo não retira nenhuma das expressões offensivas que disse ao sr. de Nassot. O caso

parece-nos tão grave a mim e ao coronel, que, depois dos actos praticados pelo sr. barão, não consentimos em que D. Telmo se bata com elle. Sentimos ter de fazer esta declaração, e sabemos que ella ha-de ser desagradavel ao sr. D. Francisco e ao seu collega, mas tanto nós como D. Telmo estamos promptos a dar satisfação plena a quem se der por offendido desta opinião, mas não ao sr. de Nassot.

—Nisto, ajuntou o coronel, não ha offensa para os padrinhos do adversario, visto que elles ignoravam a situação em que o sr. barão teve a pouca habilidade de collocar-se. Nós professamos a maior consideração e respeito pelo sr. D. Francisco e pelo seu collega, mas não podemos expressar os mesmos sentimentos ácerca do sr. de Nassot.

D. Francisco levantára-se da mesa, e fôra para a janella, que estava fechada. A estas declarações não respondeu cousa alguma; fez como se as não tivesse escutado, e começou na vidraça um rufo com os quatro dedos da mão direita, que denunciava a agitação do seu espirito. O seu collega julgou dever dar a resposta que D. Francisco não podia ou não queria dar, e talvez estimou a occasião de mostrar que o seu silencio era modestia, mas não ignorancia das obrigações do encargo que tomára sobre seus hombros.

—Vejo, disse elle, que o caso é mais grave do que eu pensava. N'esta conjunctura, só nos resta

tratar do combate, no qual cabe ao barão a escolha das armas, como pessoalmente aggreddido.

—Mas eu já tive a honra de declarar, respondeu S. Marino, que D. Telmo e nós outros não julgamos o sr. barão em posição moral de se bater como cavalheiro, e que o não accetamos para adversario.

D. Francisco continuava a rufar com violencia nos vidros da janella, e o seu joven collega teve de responder ainda outra vez ao conde.

—Eu tive a honra de ouvir essa declaração, mas confesso que a considerei apenas como expressão energica de reprovação contra o procedimento do barão. Bem sabem que dessa fórma provocam uma luta pessoal diaria entre D. Telmo e o barão, combate desvantajoso para D. Telmo, se fôr o mais forte, porque se ha-de dizer que evita o desafio nivellador das forças, para se aproveitar das vantagens naturaes.

—Isso não se pôde dizer, ácudiviu S. Marino, porque D. Telmo está prompto a bater-se com qualquer homem honrado que tome como sua a causa do barão. Elle acceta os padrinhos do sr. barão por adversarios, mas não se bate com o sr. de Nassot. Este é o conselho que lhe dêmos, e pelo qual respondemos.

—Mas isso é uma provocação directa que o conde e o coronel nos fazem, e á qual, pela minha parte, eu estou prompto a responder; porém, antes d'isso,